

**FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
DE IBITINGA – FAIBI**

CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA

Larissa Lépure Rios

**A RELAÇÃO DOS EDUCADORES COM O FUNK EM UMA
PERSPECTIVA MULTICULTURAL**

IBITINGA/SP

2019

Larissa Lépure Rios

**A RELAÇÃO DOS EDUCADORES COM O FUNK EM UMA
PERSPECTIVA MULTICULTURAL**

Monografia de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Filosofia, Ciências
e Letras de Ibitinga, como requisito parcial para
obtenção de grau de Licenciatura em
Pedagogia.

Orientador: André Luiz Zani

**IBITINGA/SP
2019**

Rios, Larissa Lépure.

R586r A relação dos educadores com o funk em uma perspectiva
multicultural/ Larissa Lépure Rios – Ibatinga, 2019.
47 f. : il. col.

Orientador: André Luiz Zani.
Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura -
Pedagogia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de
Ibatinga, 2019.

1. Multiculturalismo. 2. Funk. 3. Funk na Escola. I. Título.

CDD 370.117

Ficha catalográfica elaborada por Mayara Nunes

Bibliotecária - CRB-8/012/2019

Biblioteca Prof. Dr. Alberto Tosi Rodrigues da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibatinga.

Ibatinga/SP

Larissa Lépure Rios

**A RELAÇÃO DOS EDUCADORES COM O FUNK EM UMA
PERSPECTIVA MULTICULTURAL**

Monografia de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ibitinga, como
requisito parcial para obtenção de grau de
Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Profº. Esp. André Luiz Zani

Profª. Esp. Fabiana de Lima Bellanda

Profª. Esp. Lucimara Martins

IBITINGA/SP

2019

Dedico este trabalho aos meus pais Maria Gracinda Lé pore e José Carlos Rios por serem o meu alicerce e meu apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado garra para superar as dificuldades que não foram poucas e também pela sabedoria, paciência e força nos momentos em que pensei desistir.

Aos meus pais Maria Gracinda Lépure e José Carlos Rios pela educação, amor e apoio incondicional, além de toda minha família.

À esta Instituição, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram pela segunda vez meu crescimento profissional.

À bibliotecária Mayara por todas as dicas valiosas que só contribuíram para a realização deste trabalho.

Ao meu orientador Andre Luiz Zani, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, e que mesmo não sendo sua área de atuação, não poupou esforços para me ajudar. Sou grata pelas suas correções e incentivo.

Às minhas amigas do famoso “Quinteto Fantástico”, Fabiana Romanini, Natália Janerilo, Natália Lima e Tatiane Dalpino, pelos inúmeros trabalhos, seminários, mas acima de tudo pelo companheirismo e amizade nas horas boas e nas horas de dificuldades.

Aos professores que ao longo desses quatro anos nos repassaram seus conhecimentos, permitindo que nosso desenvolvimento fosse o melhor.

Aos amigos de classe, funcionários cujo nome não estão explícitos aqui, mas que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

OS MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS

“Escreva algo que valha a pena ler
ou faça algo que valha a pena escrever”

(Benjamin Franklin)

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso tem como objetivo geral compreender, através da realização de um questionário online, como os educadores lidam com o funk em uma perspectiva multicultural. Propõe-se, com esse trabalho um estudo inicial sobre a temática e também uma quebra de preconceitos ao mostrar, a partir da visão de 33 entrevistados, que o funk é uma cultura presente no cotidiano de muitos alunos e mais que um produto midiático que gera polêmica, ele é um artefato multicultural de manifestação artística. Para fundamentar teoricamente este trabalho discorreremos sobre os conceitos de multiculturalismo, sua origem e suas influências, e em seguida no segundo capítulo o conceito de funk e seus subgêneros a partir da teoria dos estudos encontrados. O terceiro capítulo irá expor a importância de se falar sobre o funk e como o mesmo é vivido no tempo e espaço do recreio. Nosso percurso metodológico é descrito no quarto capítulo, e junto à ele, apresentamos a análise de nossa pesquisa e um pouco mais de como foi o processo de construção do questionário online e distribuição do mesmo. Por fim, mas não menos importante, estabelecemos algumas considerações finais.

Palavras-chave: Multiculturalismo; Funk; Funk na Escola; Pesquisa sobre funk.

ABSTRACT

This course completion work has as a general objective to understand, by conducting an online questionnaire, how educators deal with funk in a multicultural perspective. It is proposed, with this work an initial study on the subject and also a breakdown of prejudices by showing, from the view of 33 interviewees, that funk is a culture present in the daily lives of many students and more than a media product that generates controversy, it is a multicultural artifact of artistic manifestation. In order to base this work theoretically we discuss the concepts of multiculturalism, its origin and its influences, and then in the second chapter the concept of funk and its subgenres from the theory of the studies found. The third chapter will expose the importance of talking about funk and how it is lived in recreational time and space. Our methodological course is described in the fourth chapter, and next to it, we present the analysis of our research and a little more of how was the process of construction of the online questionnaire and distribution of it. Last but not least, we have set out some final considerations.

Keywords: Multiculturalism; Funk; Funk in School; Search funk.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Sexo	30
Gráfico 2 – Idade	31
Gráfico 3 – Nível de Escolaridade.....	31
Gráfico 4 – Série que leciona atualmente	32
Gráfico 5 – Região onde mora.....	33
Gráfico 6 – Você gosta de ouvir funk?	33
Gráfico 7 – Se respondeu SIM na questão anterior assinale as alternativas que justificam sua resposta	34
Gráfico 8 – Como educador, você percebe a atração dos seus alunos por este gênero musical?.....	35
Gráfico 9 – Você consegue enxergar o funk sem preconceito?	35
Gráfico 10 – Para você o funk é.....	36
Gráfico 11 – Seus alunos levam o funk para dentro da sala de aula?	37
Gráfico 12 – Você acredita que o funk pode ser uma prática no ensino de música na escola?	37

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O MULTICULTURALISMO.....	14
2 FUNK.....	19
2.1 A GÊNESE DO FUNK.....	19
2.2 OS SUBGÊNEROS DO FUNK	22
3 POR QUE FALAR SOBRE FUNK?.....	24
3.1 O FUNK NO TEMPO E ESPAÇO DO RECREIO	26
4 METODOLOGIA.....	28
4.1 ANÁLISE	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	41
APÊNDICES	44

INTRODUÇÃO

Dos filmes policiais aos jornais transmitidos durante o dia nas televisões, as comunidades carentes quando mostradas são quase sempre retratadas como um ambiente de pobreza, violência, tráfico de drogas e outras moléstias da sociedade. Porém o que dificilmente é retratado, é que essas comunidades são muito além dessas questões sociais, é também um ambiente de muitas culturas, assim como o Brasil num todo.

Surge então o multiculturalismo com suas raízes nos Estados Unidos, porém com grandes marcas no Brasil até os dias atuais. Sendo o mesmo carregado de características por lutas de igualdade e exercício de cidadania, encontramos no Brasil povos de origens culturais distintas entre si. Neste contexto, no interior dessas culturas, temos o funk, este gênero musical rodeado por preconceitos, mas que é realidade de muitas crianças, jovens e adultos.

Moretto (2015, p.9) afirma que

Desde seu surgimento, na década de 80, nos subúrbios do Rio de Janeiro, o funk foi considerado uma cultura proveniente das classes mais baixas da sociedade e, até então, sempre foi visto com maus olhos por grande parte da população, até mesmo pela indústria fonográfica.

Diante dessas questões, a escola dificilmente ficaria à margem da presença desse estilo. De modo geral, o objetivo deste trabalho, perante as inquietações e curiosidade é identificar qual a relação principalmente dos educadores com tal gênero musical pela perspectiva multicultural.

Os objetivos específicos traçados para este trabalho resumem-se em: Conceituar o multiculturalismo; Relatar historicamente o gênero e perpassar pelos seus subgêneros; Apontar o motivo de se falar sobre funk e no interior deste capítulo ainda mostrar o estilo musical no tempo e espaço do recreio.

A justificativa deste trabalho parte de uma questão de gosto e curiosidade pessoal. Em 2015 ao iniciar as atividades como professora eventual em uma escola estadual de ciclo 2, ensino médio e EJA no município de Tabatinga, interior de São Paulo, foi clara a percepção de que os alunos ouviam, cantavam e dançavam o funk em muitos momentos, na entrada da escola, nos intervalos, na saída, nas festas juninas e até mesmo dentro da sala aula, uma prática muito comum que para muitos professores era considerada uma forma de bagunça e desrespeito por conta das letras.

Atualmente trabalhando na Educação Infantil e por vezes substituindo em escolas de ensino fundamental de ciclo 1, é possível ainda enxergar o gosto e a atração que as crianças têm por este gênero.

Por ser um tema dificilmente encontrado nos trabalhos de conclusão de curso desta instituição e também pelas situações citadas acima, o interesse por este tema se intensificou e desde o ano de 2018 foi sendo pesquisado em diferentes fontes (confiáveis). Em alguns momentos houve uma certa dificuldade de encontrar material, porém com o intuito de se fazer um trabalho mesmo que simples e inicial, a insistência proporcionou a oportunidade de se encontrar artigos e teses escritos a partir dessa temática: o funk. O tema em si é relativamente novo de ser pesquisado inclusive as referências bibliográficas ainda não são extensas.

Para uma melhor compreensão, este trabalho está dividido em três capítulos teóricos e um metodológico unido com a análise da pesquisa quantitativa aplicada a um grupo de educadores de diferentes regiões.

No primeiro capítulo, alguns autores como Rangel (2008), Betoni (2014) e Semprini (1999) sustentam o trabalho apresentando o conceito de multiculturalismo, sua origem, características bem como sua influência.

O segundo capítulo abordará primeiramente a gênese do funk, em seu processo de surgimento do ritmo nos Estados Unidos, suas influências e também os músicos que iniciaram este movimento denominado funk e no decorrer do segundo subcapítulo será feita uma breve explanação sobre os sub-gêneros do funk, ou seja, quais os tipos de funk existentes. Neste momento, autores como Santos (2014), Moretto (2015) e Mendonça (2011) trazem um olhar mais aprofundado sobre o tema.

O terceiro capítulo intitulado “Por que falar sobre funk?” Gomes (2016) e Scarpellini (2013) mostram a importância de se falar sobre o mesmo na escola e de como as crianças lidam com este estilo no tempo e espaço do recreio.

Os procedimentos metodológicos serão abordados no quarto capítulo, onde será explicado sobre o tipo de trabalho, bem como a pesquisa realizada com os educadores. A definição de pesquisa quantitativa dada por Fonseca (2002) é de extrema importância para este trabalho, sendo possível o melhor entendimento do processo. Por fim, mas não menos importante serão estabelecidas algumas considerações finais.

De modo geral, este trabalho de conclusão de curso não busca vangloriar o funk e muito menos definir ou afirmar se é uma cultura boa ou ruim, mas sim tentar enxergar um lado positivo de a escola trazer este gênero como um possível trabalho dentro da sala de aula, já que este estilo musical faz parte da realidade de muitos alunos. Além disso, espera-se que este trabalho possa contribuir para os próximos estudos, mais especificamente os que tratam da cultura funk e de culturas que sejam pré-conceituadas por parte da sociedade.

1 O MULTICULTURALISMO

Para fundamentarmos esta pesquisa com um bom embasamento teórico, partiremos de alguns autores e outras fontes que abordam o assunto. Para iniciarmos é necessário voltar ao contexto histórico de multiculturalismo e entender como surgiu este termo.

Rangel (2008, p. 156) explica que

Em 1960, no sul dos EUA, estudantes e líderes religiosos negros uniram-se a outros cidadãos negros na luta por garantia de direitos civis como um exercício de igualdade. Essa luta foi marcada na sua essência por legitimar as raízes culturais dos negros contra qualquer forma de dominação que desqualificasse as características físicas e as possibilidades intelectuais do povo em questão. Assim, o multiculturalismo surge em um contexto cujo princípio ético busca a orientação da ação de grupos culturalmente dominados, aos quais não foi garantido o direito de preservação de suas próprias características culturais.

Para Betoni (2014, s.p),

Entende-se por multiculturalismo tanto os estudos acadêmicos quanto as políticas institucionais que se desenvolvem em torno das questões trazidas pela emergência das sociedades multiculturais. Uma sociedade multicultural é aquela que, em um mesmo território, abriga povos de origens culturais distintas entre si. As relações entre esses grupos podem ser aceitação e tolerância ou de conflito e rejeição. Isso vai depender da história da sociedade em questão, das políticas públicas propostas pelo Estado e, principalmente, do modo específico como a cultura dominante do território é imposta ou se impõem para todas as outras. A convivência entre culturas diferentes não é uma questão nova, mas que se intensificou nos últimos anos devido a acontecimentos marcantes.

De acordo com Semprini (1999, p. 113) dentro do Multiculturalismo

As culturas e as comunicações de massa têm exercido um papel determinante neste processo. Num país carente de uma história intelectual própria e caracterizado por uma rápida expansão demográfica, a cultura de massa funcionou ao mesmo tempo como fábrica de uma identidade especificamente “americana” e como motor de integração das vagas de imigrantes cada vez mais distanciados de sua origem branca e europeia.

Pode-se observar através da obra acima que o Brasil, por exemplo, mesmo nos anos 2000 ainda continua carente de uma história, porém o Funk no qual abordaremos como uma cultura de massa obteve um sucesso relativo referente a uma fábrica de uma identidade não hegemônica, pois como iremos observar mais adiante, o mesmo é uma influência e também uma referência para crianças e jovens que muitas vezes só possuem contato com este tipo de cultura.

Como este trabalho trata da relação dos educadores com o funk em uma perspectiva multicultural, devemos explicitar também a visão do multiculturalismo com relação à educação. Prosseguindo com Semprini (1999, p.45)

A escola é um dos lugares consagrados à formação do indivíduo e à sua integração numa comunidade de iguais [...] e após tê-lo liberado dos laços sociais, ela liberta sua mente e o transforma num homem livre e responsável.

Assim, é curioso e muito pertinente analisar como os professores comportam-se quando se deparam com crianças e jovens que se apropriam do funk “muitas vezes” como um estilo de vida e até mesmo como sustento para várias famílias após certa idade. Também conforme a citação acima, apesar de ela afirmar que a escola forma indivíduo e o insere em uma comunidade de “iguais”, Castro e Rios (2007, p.227) cita Gramsci e nos revela uma outra face perante a essa análise anterior. De acordo com os autores

[...] o princípio de escola única para Gramsci não diz respeito a uma escola igual para todos, uma vez que a igualdade é colocada como resultado do processo, mas uma escola que proporcione a todos os homens o acesso ao conhecimento, de acordo com suas necessidades, com suas respectivas realidades históricas [...].

Podemos perceber então que a escola no conceito de oportunidades e direitos se posiciona em uma controvérsia, pois nenhum indivíduo possui as mesmas condições que o outro e muito embora o discurso seja de trabalhar as diferentes culturas dentro da escola, a prática ainda encontra-se distante. O funk nos traz uma diversidade muito grande de classes sociais que admiram este estilo, sendo assim, os profissionais da educação não deveriam tratar com preconceito ou discriminação aquela criança ou adolescente que leva até a instituição alguns traços do gênero. O excerto abaixo confirma tal afirmação

O multiculturalismo é o jogo das diferenças, cujas regras são definidas nas lutas sociais por atores que, por uma razão ou outra, experimentam o gosto amargo da discriminação e do preconceito no interior das sociedades que vivem [...] Isto significa dizer que é muito difícil, se não impossível, compreender as regras desse jogo sem explicitar os contextos sócio históricos nos quais os sujeitos agem, no sentido de interferir na política de significados em torno da qual dão inteligibilidade a suas próprias experiências, construindo-se enquanto atores (GONÇALVES; SILVA, 1998, p. 19).

O discurso que se ouve do início da graduação até seu final é de que os professores devem conhecer a realidade do aluno para que assim possa compreendê-lo melhor e fazer com que este possa se sentir parte integrada da escola e de seus membros, porém quando o mesmo advém de uma comunidade carente, com vícios de linguagem, gírias, vestimentas diferentes, são rapidamente julgados e marginalizados por ouvirem este estilo que ainda é muito criticado.

Diante disso, o que se pode entender é que perante os estudos de Lemes (2013, p. 248)

O pensamento culturalista sustenta a tese de que existe uma *deficiência cultural* e não uma *diferença cultural*. Pela *diferença cultural*, não há como sustentar uma *cultura “pobre”* ou mesmo as denominadas *subculturas*, mas, tão somente, *outras* culturas além da *cultura dominante* [...].

O mesmo autor ainda afirma que

Constituem-se, também, nessas características, os grupos dos socialmente excluídos pelas desigualdades decorrentes do que podemos considerar como neomercantilismo [...] e que há na constituição de seu povo, grupos diferenciados, originários das mais diferentes etnias, pois existem inúmeras comunidades e muitos indivíduos vindos do processo de mestiçagem, com o pleno direito a manifestações culturais próprias de suas origens e crenças.

Pode-se sustentar com base nos estudos de Canen e Oliveira (2002, p. 61)

Que entende-se por multiculturalismo a abordagem que vai além da valorização da diversidade cultural em termos folclóricos ou exóticos, aquela que questiona a construção das diferenças e, por consequência, dos estereótipos e preconceitos contra aqueles percebidos como diferentes em sociedades desiguais e excludentes.

Neste contexto sociocultural está a escola e seus educadores que têm produzido ou reproduzido a exclusão de vários destes grupos sociais, gerando uma série de problemas, dentre os quais, o fracasso escolar.

As tentativas de definir o conhecimento a respeito do que venha ser o multiculturalismo permitem inferir que o termo não tem significado em si ou de si, mas sim do contexto em que é produzido e ao propósito a que se coloca (McLAREN, 2000).

Para Canen e Oliveira (2002, p.70)

O multiculturalismo refere-se à necessidade de compreender-se a sociedade como constituída de identidades plurais, considerando toda a diversidade de raça, gênero, classe social, padrões culturais e linguísticos, habilidades e outros elementos de identidade.

Mais do que um conceito ou termo pré definido, o multiculturalismo apresenta-se como um movimento de afirmação da cidadania e de participação consciente do cidadão dentro da sociedade contra as injustiças sociais, em favor da garantia de direitos e na proposição de estratégias que encaminhem para uma sociedade cujo respeito seja o princípio maior.

É necessário que observemos a questão de grupos diferenciados e o direito à sua manifestação. Portanto é relevante aprender o processo de evolução das formas culturais. O cenário de nossas escolas ao deparar-se com a cultura funk é deficiente e para tentar desvincular esta imagem negativa sobre o mesmo veremos no capítulo seguinte sua origem e posteriormente mais dados que possa contribuir com a desmistificação com relação ao gênero.

2 FUNK

Aqui iremos dividir o capítulo sobre funk em duas partes para melhor entendimento dos leitores deste trabalho. A primeira parte desse capítulo abordará a gênese do funk, em seu processo de surgimento do ritmo nos Estados Unidos, as influências e os músicos que iniciaram este movimento denominado funk e no decorrer do segundo subcapítulo faremos uma breve explanação sobre os subgêneros do funk, ou seja, quais os tipos de funk existentes.

2.1 A GÊNESE DO FUNK

Nosso estudo se baseará no gênero musical funk a partir da área da cultura e de comunicação citadas no capítulo anterior deste trabalho, sendo este o nosso objeto de estudo, sobretudo no âmbito escolar. Porquanto, antes de adentrar neste campo de estudo específico, é necessário aprofundarmos nossos conhecimentos à respeito do funk e sua gênese, mas pode-se adiantar que o gênero musical funk como conhecemos hoje é muito diferente daquele que se originou na década de 1960 nos Estados Unidos e este estilo musical em suas variáveis não é somente um reflexo de uma sociedade, mas também uma influência.

Para Santos (2014, p.6)

O funk é um gênero musical que tem sua origem nos Estados Unidos na segunda metade da década de 1960, os músicos afro-americanos começaram a misturar soul music à jazz, criando uma rítmica nova e dançante. Horace Silver pode ser considerado o pai do funk. Silver foi o primeiro a unir o jazz à soul music, e o primeiro a difundir esse novo ritmo, que ainda nesta época não tinha umas das principais características: o swing. Com James Brown, o seu maior representante do estilo, que o funk tornou-se dançante e ganhou o mundo.

Porém como toda produção musical que são feitas por e para uma parte da população, com o funk não foi diferente. Até ser considerado vendável e pronto para o “consumo”, também passou por um processo de comercialização.

Em 75, uma banda chamada Earth, Wind and Fire lançou o LP “That's the way of the word”, seu maior sucesso, primeiro lugar na parada norte americana. Esse disco, além de sintetizar um funk extremamente vendável, cuja receita vai ser seguida por inúmeros outros músicos (inclusive alguns dos nomes mais conhecidos da MPB), abre espaço para explosão “disco”, que vai tomar conta da “black music” norte-americana e das pistas de dança de todo o mundo por volta de 77/78. (VIANNA, 1988, p. 46).

Prosseguindo com Santos citado anteriormente, a soul music, ao desembarcar no Brasil, trouxe de exemplo alguns cantores como Gerson King, Tim Maia, Carlos Dafé e o inconfundível Tony Tornado. Mas foi na década de 1970, em que as primeiras equipes de som começaram a surgir no estado do Rio de Janeiro, como a Soul Grand Prix e a Furacão 2000, que ainda é conhecida. Estas equipes organizavam bailes onde inicialmente eram feitos por vitrolas, mas com o passar do tempo, as mesmas foram melhorando e sofisticando os equipamentos. Conforme Santos (2008, p.6)

Atualmente é um gosto musical presente em muitas ocasiões como festas de aniversários, reuniões de amigos, carnavais, bailes e por muitas vezes é a única “cultura” que muitas crianças e jovens conhecem.

A afirmação acima é sustentada por Mendonça (2011, p. 24), que diz que foi no “Festival Baile da Mauá”, na cidade de São Gonçalo no Rio de Janeiro, que ocorreu o primeiro concurso de ¹MC's, em que jovens da favela eram convidados a produzir letras que falassem sobre a realidade que vivenciavam. Foi o start para outros concursos acontecerem e a popularidade do funk só crescer.

¹ Mestre de Cerimônias, ou pessoas que conduzem eventos importantes.

Rangel (2013, p.114) afirma que

O funk é um movimento social e musical que possui uma identidade própria, integrando música, coreografia, vestimentas e comportamentos específicos. O movimento possui uma identidade própria no modo como se insere socialmente e como é visto na sociedade. O funk é um ritmo que faz parte da vida dos jovens e contribui para a formação identitária desse grupo, ou seja, colabora para a formação de linguajar, vestimenta, adornos e posturas.

Neste momento, Moretto (2015, p. 25), categoricamente expõe a realidade de muitas crianças e jovens afirmando que

O funk, nesse caso, pode ser visto como movimento cultural de identidade própria que rompe padrões morais e estéticos. Porém, percebemos que esse rompimento gera, muitas vezes, preconceito e hostilidade em parte da sociedade e principalmente em ambientes como o de trabalho, no qual se espera uma vestimenta e um comportamento apropriado e pré-definido

A citação acima refere-se a preconceito e hostilidade no ambiente de trabalho, mas será que é somente neste local que o funk é visto dessa maneira? Porque não nos referirmos à escola também que é nosso objeto de estudo?

Trazendo para a atualidade em se tratando de números e do grande poder das redes sociais, a Folha de São Paulo divulgou em seu site uma matéria onde o Canal Kondzilla (do produtor musical Konrad Dantas) ultrapassou a marca de 26 milhões de inscritos e 1 (um) bilhão de visualizações por mês, obtendo o título de maior Canal de música brasileira do ²YouTube.

Diante dessas análises é perceptível que em uma sociedade hoje extremamente midiática e de uma cultura diversificada, o funk está se disseminando

² YouTube é um site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet. O termo vem do Inglês “you” que significa “você” e “tube” que significa “tubo” ou “canal”, mas é usado na gíria para designar “televisão”.

o tempo todo e a partir desses pressupostos é que agora abordaremos brevemente os subgêneros do funk.

2.2 OS SUBGÊNEROS DO FUNK

Para esta pesquisa, não foi possível encontrar uma obra acadêmica ou autores que abordassem este tema de forma científica, porém diante do assunto, sentiu-se a necessidade de explicar mesmo que brevemente, assim sustentaremos nossa pesquisa da melhor maneira. Neste momento, a referência que nos é mais confiável e que demonstra certa propriedade ao abordar o assunto é o blog “Imperador do Funk” que frequentemente é atualizado por um brasileiro com informações, novas músicas, seus cantores, curiosidades e notícias em geral sobre o funk.

Conforme o blog acima existem dez tipos de funk, ou subgêneros, no Brasil: Funk Carioca, Funk Proibidão, Funk Consciente, Funk Melody, Ostentação (ou Funk Paulista), Funk Antigo, Funknejo, Pop Funk (ou Funk Pop), Eletro Funk e Funk Rasteirinha.

No interior do blog ainda podemos notar que o funk Carioca é o mais conhecido e deu origem aos outros tipos, já o considerado Proibidão que também nasceu no Rio de Janeiro é aquele que contém muitas palavras de baixo calão e também por muitas vezes enaltece o mundo do crime, das armas e das drogas. O terceiro subgênero que trazemos é o denominado Consciente que retrata, por exemplo, a realidade dos moradores das comunidades levando em conta a pobreza, o descaso dos governantes entre outros problemas por eles enfrentados diariamente. O funk Melody já retrata com mais afinco letras que falam de amor e o funk Ostentação que nasceu em Santos, na Baixada Santista (São Paulo) em 2011 e que valorizava o consumo material e o uso de carros de luxo, motos, casas de praia e mansões e qualquer funk que seja referenciado como ostentação, irá conter esses elementos citados acima.

O próximo subgênero é o funk antigo que está mais ligado ao ritmo do rap, porém foi crescendo e modificando suas peculiaridades. O FunkNejo como já se supõe é a mistura do funk com o sertanejo que destacou-se por volta do ano de 2013 e consagrou muitos artistas que ainda não eram conhecidos.

Por fim, de acordo com Moretto (2015, p.36)

Outros subgêneros de funk que também combinam dois estilos musicais são o Funk Pop, que traz características da música pop para o funk, e o Eletro Funk, que integra a música eletrônica ao funk carioca. E por fim, o último tipo de funk que o blog Imperador do Funk traz é o Funk Rasteirinha. Esse estilo possui características latinas e incorpora principalmente traços do axé e do forró, sendo conhecido por um dos ritmos mais dançantes dentro do funk.

Na sequência deste trabalho, iremos discorrer sobre a importância de se falar sobre o funk na escola e de como as crianças lidam com o mesmo no tempo e espaço do recreio.

3 POR QUE FALAR SOBRE FUNK?

Durante a vida escolar e acadêmica é notório que a instituição tornou-se um ambiente considerado privilegiado para a aquisição de saberes sendo assim um espaço para a discussão dos mesmos. Porém sabe-se também que a escola e seus profissionais ainda desprezam alguns assuntos, ora por não saberem tratá-los, ora por preconceito, como é o caso do funk. Durante a graduação e através das leituras realizadas, a ideia sempre foi de que a escola deveria ser de todos e para todos, sendo democrática e que oferecesse as mesmas condições aos indivíduos.

Gomes (2015, p.57) afirma que

O funk, como discurso específico, pode ser melhor explorado na aula de LP quando analisado à luz dos postulados da Análise Crítica do Discurso (ACD), tendo em vista que essa corrente teórico-metodológica é política e ideologicamente engajada com a superação de desigualdades sociais, com a promoção da justiça para grupos dominados, como normalmente é o caso dos produtores e consumidores desse estilo musical. Logo, a leitura do funk, com base nos estudos da ACD, é de relevante utilidade para a construção da cidadania, principalmente se pensarmos nos temas que são historicamente mais caros ao universo funk, como violência e sexualidade. É geralmente em torno dessas temáticas que se concentra a avaliação negativa das letras de funk.

Desta forma devemos pensar que a escola tem pessoas de verdade que possuem uma história de vida, carregam consigo valores, crenças e culturas e não são seres fictícios. Sobre essas questões é que devemos refletir que o funk pode ser trabalhado, por exemplo, no Ensino Fundamental, já que nesta fase os alunos estão em processo de construção do seu ser em relação à sociedade, desigualdades, respeito e valorização das diferenças.

Prosseguindo com Gomes (2015, p. 63)

Os PCN estabelecem como um dos objetivos do Ensino Fundamental II (EF II), além de reconhecer a cidadania como participação social e política e repudiar as injustiças, que os alunos sejam capazes de conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (BRASIL, 1998, p. 7).

Somente por esta afirmação, o educador já estaria autorizado a incluir práticas diferentes na aula de Língua Portuguesa ou Artes. Além disso, Gomes (2015, p.63) continua sustentando a pesquisa ao dizer que

Além desse objetivo, os PCN reconhecem que, nessa fase, a escola e o professor precisam considerar as transformações pelas quais os alunos adolescentes devem estar passando. Logo, busca-se que o aluno possa “construir um saber sobre a língua e a linguagem e sobre os modos como as opiniões, valores e saberes são veiculados nos discursos orais e escritos.”

Assim, os excertos acima nos revelam que pode não ser nenhum assunto novo, porém deixa claro a necessidade de a escola e seus educadores explorarem temas menos privilegiados, por exemplo, o popular artístico e letras de funk trazidas pelos próprios alunos a fim de superar as desigualdades e diminuir injustiças. Contudo, não podemos determinar que o professor ou a escola aceite trabalhar esse tema sem a devida análise crítica onde permita-se ao aluno identificar conteúdos implícitos, condições desumanas ou ações que possam denegrir a imagem tanto de homens quanto de mulheres, bem como condutas, estrutura familiar e saúde do corpo.

3.1 O FUNK NO TEMPO E ESPAÇO DO RECREIO

Partindo de experiências e lembranças pessoais desde os tempos da antiga 5ª série, o som ambiente orientado pela Direção era MPB (Música Popular Brasileira), clássicos entre outros, porém o funk era o que despertava a empolgação das crianças e dos jovens.

Sempre foi muito nítido perceber a espera de muitas crianças pela hora do recreio, já que neste ambiente segundo Scarpellini (2013, p. 59)

As crianças o têm como um tempo em que podem brincar, conversar, andar, pular, jogar, criar, enfim, podem se expressar com uma liberdade maior do que na sala de aula. É no recreio que cada criança pode ficar mais à vontade, pode se mover sozinha e/ou com seu grupo.

Neste contexto está inserida a música onde independente do gênero,

[...] está presente no recreio durante o tempo e em todos os espaços. Desde quando alunos do 1º ano saem para o recreio até o momento em que se encerra o segundo recreio, a música se evidencia. Ela está nos corredores, nos bancos, no pátio, nas filas, enfim, em todos os locais “habitados” e perpassa, nesses espaços e tempos, as esferas de convívio social existentes no recreio. (Scarpellini, 2013, p. 107)

Prosseguindo com Scarpellini (2013, p. 106) em sua pesquisa notou-se que “eles gostam de cantores, grupos e gêneros musicais variados, nacionais e internacionais, como Black Eyed Peas, Gustavo Lima, [...] Mc Catra [...]” e continua sustentando sua tese que

Na escola particular, as músicas e/ou cantores que apareceram foram: Ira, Palavra Cantada, Funk (instrumental, não carioca [...]). E na escola municipal foram: Meteoro, do Luan Santana, WAKA WAKA, da Shakira, funk (carioca) [...] (Scarpellini, 2013, p. 6).

Diante do exposto acima, podemos notar que o funk não é o único gênero musical, mas um dos que também está presente neste momento de descontração e diversão que é o recreio escolar ficando evidente que mesmo sendo escolas diferentes, esse fator não é considerado relevante para diferenciar os tipos de manifestações musicais, o que se enquadra no discurso de que a escola é multicultural com alunos diferentes e que a instituição e seus profissionais devem respeitá-los.

A seguir adentraremos em nossa metodologia de pesquisa e posteriormente a análise dos dados coletados.

4 METODOLOGIA DE PESQUISA

Este trabalho se enquadra na categoria TCC (Trabalho de Conclusão de Curso), pois de acordo com o Manual para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga, FAIBI (2018, p.7)

É o resultado de um estudo visando à conclusão do curso de graduação (bacharelado ou licenciatura). Devem ser feitos sob a coordenação de um orientador. Na FAIBI, o TCC é uma atividade acadêmica obrigatória que consiste na sistematização, registro e apresentação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos, produzidos na área do Curso, como resultado do trabalho de pesquisa, investigação científica e extensão. Tem por finalidade estimular a curiosidade e o espírito questionador do acadêmico, fundamentais para o desenvolvimento da ciência.

Para o desenvolvimento do mesmo, a metodologia utilizada foi uma pesquisa de abordagem quantitativa que segundo Fonseca (2002, p.20)

Diferentemente da pesquisa qualitativa, os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados. Como as amostras geralmente são grandes e consideradas representativas da população, os resultados são tomados como se constituíssem um retrato real de toda a população alvo da pesquisa. A pesquisa quantitativa se centra na objetividade. Influenciada pelo positivismo, considera que a realidade só pode ser compreendida com base na análise de dados brutos, recolhidos como auxílio de instrumentos padronizados e neutros. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc [...].

A pesquisa é de caráter descritiva que de acordo com Manzato e Santos (s.a, p.4),

A pesquisa descritiva, em suas diversas formas, trabalha sobre dados ou fatos colhidos da própria realidade. Para viabilizar essa importante operação da coleta de dado, são utilizados, como principais instrumentos, a observação, a entrevista, o questionário e o formulário (Técnica de coleta de dados).

A mesma foi analisada a partir de um questionário online aplicado a educadores de diferentes regiões como será possível observar. Seguindo com os procedimentos, o mesmo foi elaborado no primeiro semestre de 2019 e enviado no dia 04 de Março (segunda-feira) para um grupo de professores intitulado “Pedagogos Iniciantes” no aplicativo denominado ³Whatsapp e também para três grupos de professores do ensino fundamental na rede social Facebook. A coleta dessas informações se estendeu por um período de 1 (um) mês, terminando o prazo no dia 04 de Abril de 2019.

Porém, antes de apresentarmos os resultados é importante salientar que vários autores ressaltam os pontos fortes e fracos desse tipo de técnica de coleta. Ribeiro (2008, p.13) nos coloca que o questionário como pontos fortes gera anonimato, as questões objetivas são de fácil pontuação e deixa em aberto o tempo para as pessoas pensarem sobre as respostas entre outros pontos. Como ponto fraco ele apresenta uma baixa taxa de respostas (o que foi possível constatar nesta pesquisa) entre outras questões. Apesar da baixa taxa, a análise não foi afetada e conseguiu-se elaborar gráficos e fazer as considerações necessárias.

A seguir será apresentada a coleta e a análise dessas informações que possibilitou compreender o sentido deste trabalho.

³ Software para smartphones utilizado para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão a internet.

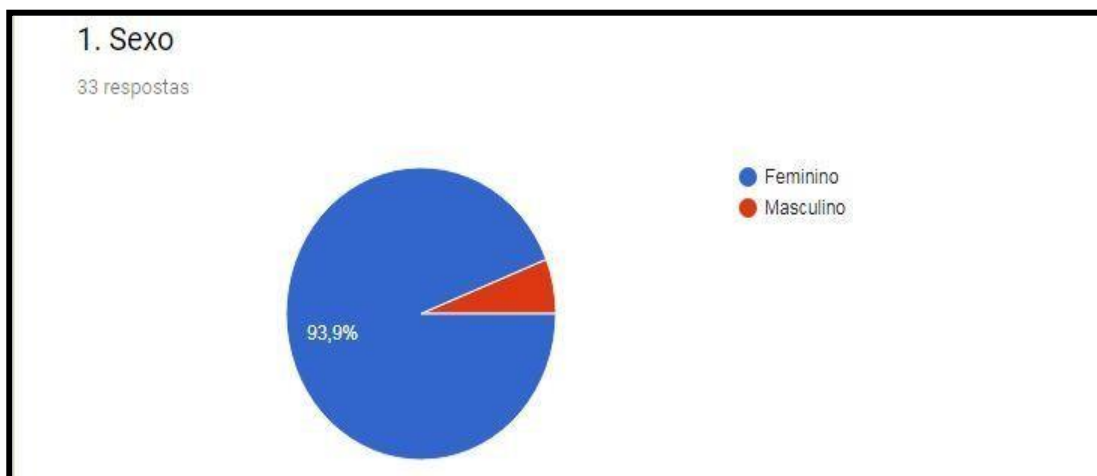
4.1 ANÁLISE

Neste ponto do trabalho serão apontados os resultados do questionário enviado online para os professores. Não há como quantificar com exatidão o número de participantes de cada grupo citado na metodologia, pois os mesmos constantemente sofrem variações no número de componentes, porém no aplicativo Whatsapp o número de participantes era de 228 pessoas.

Assim, foram elaboradas 12 questões nas quais obtivemos 33 respostas que deram origem aos gráficos abaixo. Este modelo de questionário online foi elaborado na ferramenta “Formulários Google” localizado na plataforma Google Drive.

A princípio foram feitas perguntas básicas para que pudéssemos conhecer um pouco mais do público. A primeira questão, como segue abaixo era sobre o sexo dos participantes, onde 93,9% eram mulheres.

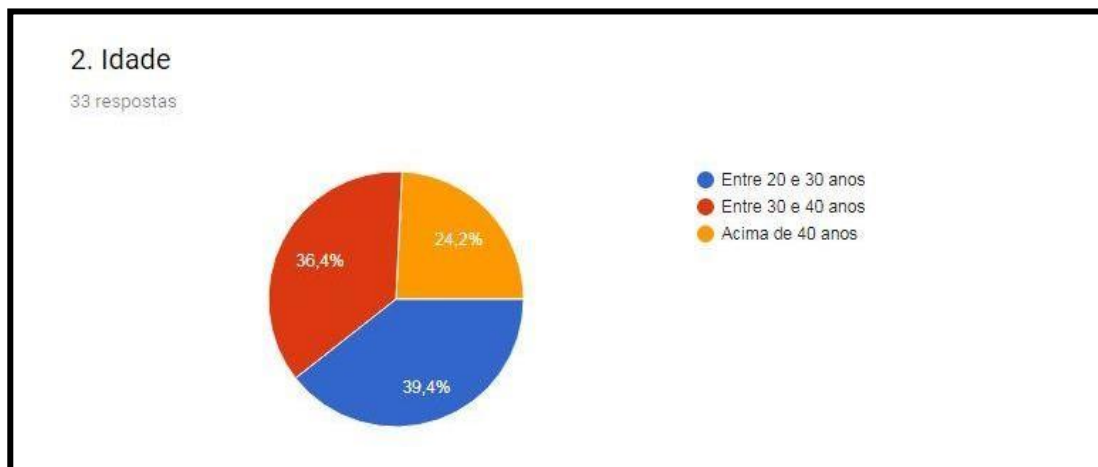
Gráfico1 – Sexo.



Fonte: Própria Autora (2019).

Neste contexto percebe-se ainda que grande parte dos educadores são mulheres, pelo menos nesta pesquisa.

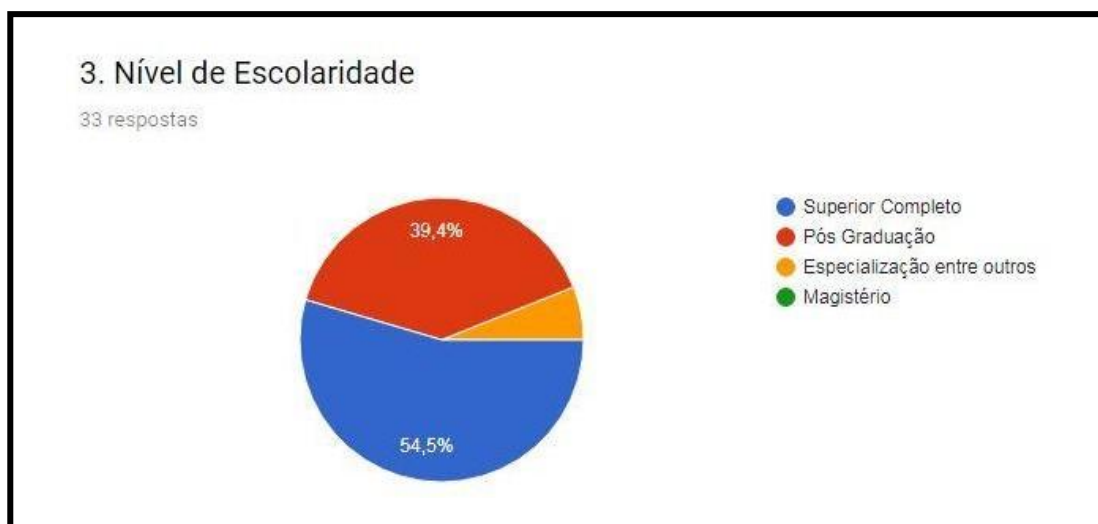
Gráfico 2 – Idade dos Entrevistados.



Fonte: Própria Autora (2019).

Com relação à idade, o gráfico nos mostra uma divisão equilibrada. 39,4% do total tinham entre 20 e 30 anos, basicamente início de carreira. Já 36,4% tinham idade entre 30 e 40 anos, o que corresponde a uma carreira mais estável. Aos que tinham idade acima de 40 anos se enquadravam em uma porcentagem de 24,2%.

Gráfico 3 – Grau de Escolaridade.

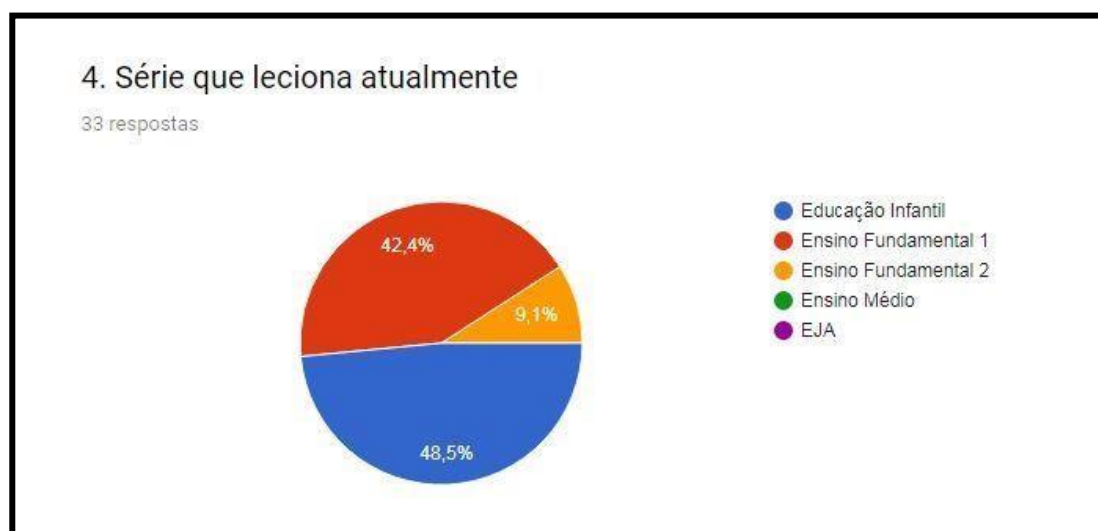


Fonte: Própria Autora (2019).

Esta questão sobre o nível de escolaridade nos revelou uma grande diferença, onde 54,5% dos participantes possuíam Ensino Superior Completo e

39,4% possuíam Pós Graduação. Já a opção Especialização a porcentagem foi baixa e a opção Magistério não apareceu na contagem.

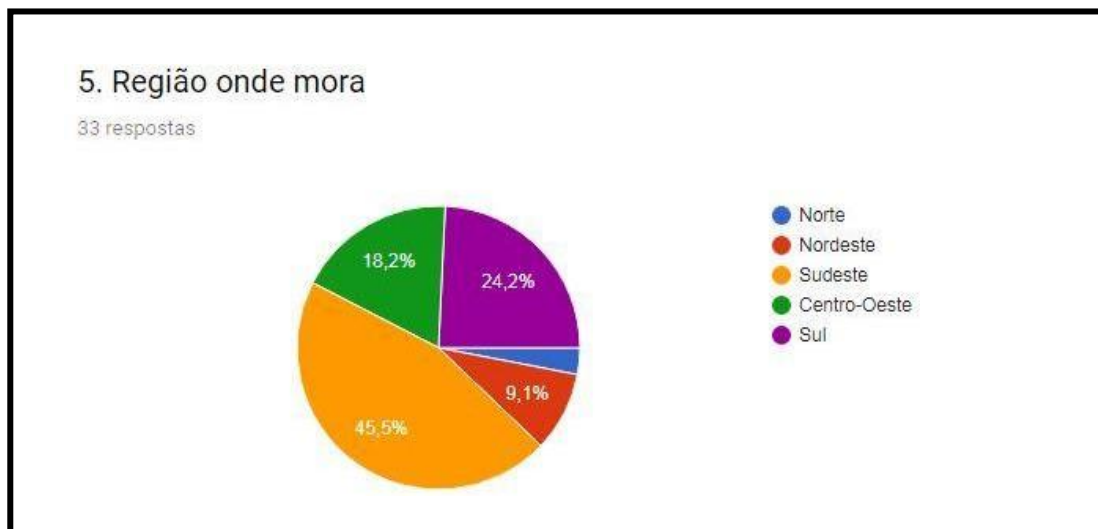
Gráfico 4 - Série



Fonte: Própria Autora (2019).

Para nós estudantes de Pedagogia, esta questão sobre a Série que leciona atualmente é muito importante com relação ao tema do trabalho, pois a maioria das respostas, sendo 48,5% atuam na Educação Infantil, nos levando a considerar que o tema pesquisado pode ser melhor trabalhado também com crianças de até 5, 6 anos de idade. Outro ponto importante é que 42,4% dos professores atuam no Ensino Fundamental 1, idade em que as crianças ouvem muito o gênero Funk analisado neste trabalho, fato este percebido pessoalmente por experiências vividas nas Escolas e Creches Municipais da cidade de Tabatinga, interior de São Paulo.

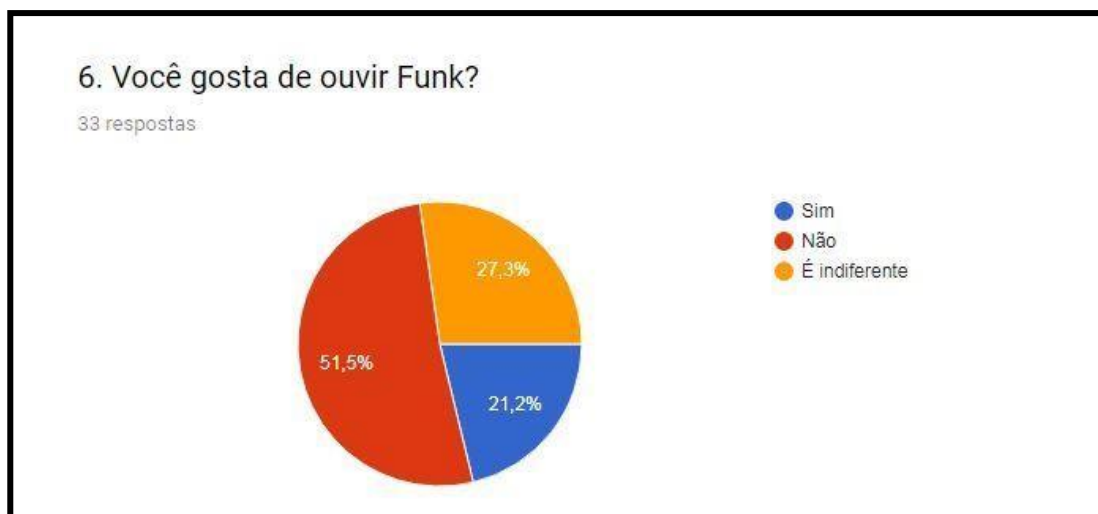
Gráfico 5 - Localidade.



Fonte: Própria Autora (2019).

Embora não fosse certo de afirmar que parte dos educadores fosse da região Sudeste, o gráfico nos mostra que 45,5% dos que responderam a pesquisa, realmente moram na região citada. O segundo maior dado curiosamente é da região Sul e o terceiro corresponde à região Centro-Oeste.

Gráfico 6 – Pergunta Pessoal.

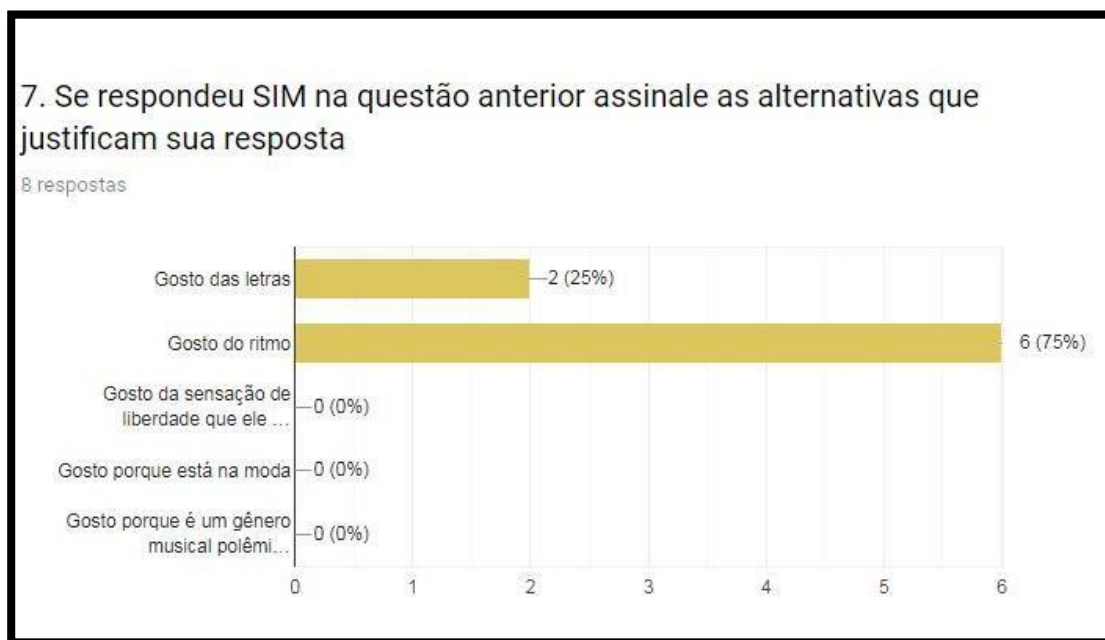


Fonte: Própria Autora (2019).

Esta pergunta direcionada aos professores é muito importante para nosso trabalho. Diante das pesquisas individuais, quando o assunto é o ritmo funk, algum tipo de preconceito rodeia a classe de educadores, devido a muitas letras conterem palavras de baixo calão ou até mesmo incitarem violência, uso de drogas e afins.

Porém para trabalharmos este assunto neste âmbito de trabalho é preciso nos despir de tal preconceito para que o mesmo não atrapalhe no bom resultado da pesquisa. Neste momento é possível perceber que metade dos educadores não gostam do ritmo, sendo um total de 51,5% contra 21,2% dos que responderam que gostam.

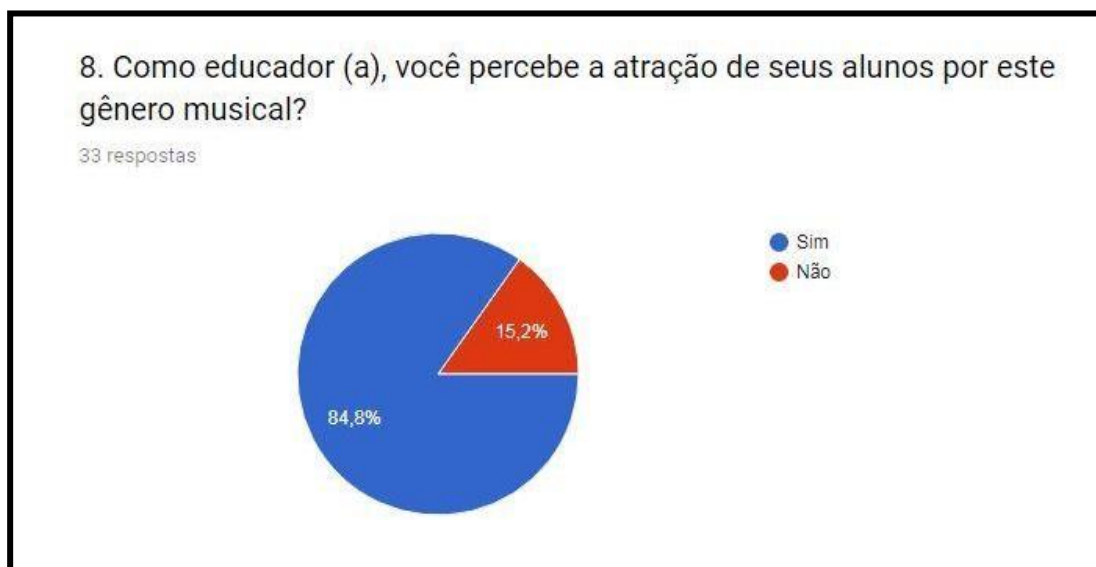
Gráfico 7- Justificativa da questão anterior.



Fonte: Própria Autora (2019).

Para a questão anterior, tínhamos a opção de justificar a resposta. Neste caso, 21,2% que responderam gostar do ritmo funk, justificaram ser por conta das letras, correspondendo um total de 25% e também pelo ritmo, tendo este uma porcentagem de 75%.

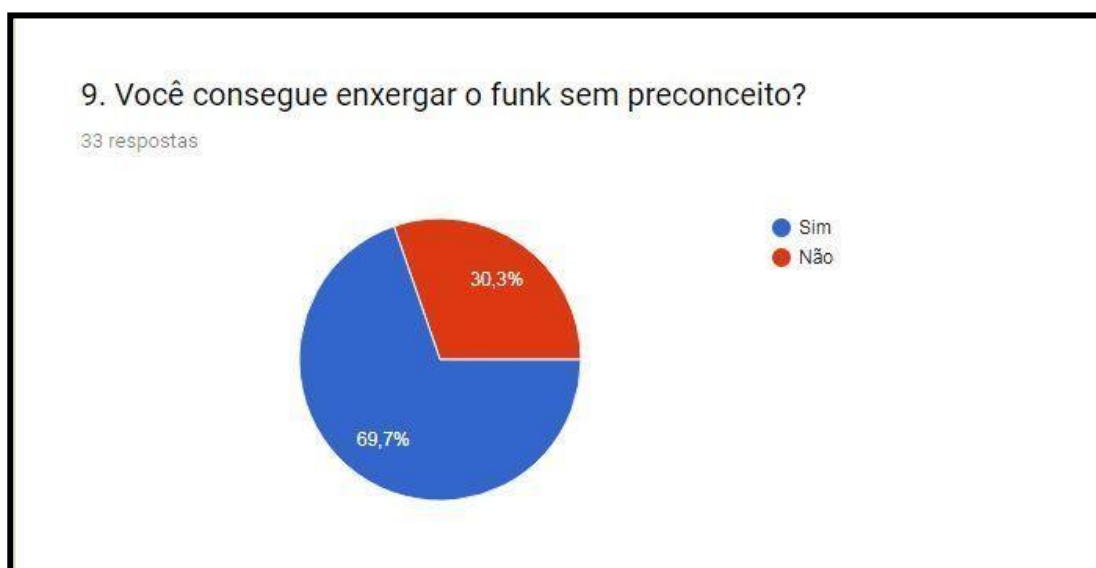
Gráfico 8 – Atração dos alunos pelo funk.



Fonte: Própria Autora (2019).

Esta questão evidencia uma situação que está posta no dia a dia das crianças, jovens e adolescentes e também no ambiente escolar. Para 84,8% dos professores que participaram da pesquisa, afirmam que percebem a atração dos alunos por este gênero musical. Isto significa que não se pode tratar o assunto com descaso ou como se ele não fizesse parte da realidade de muitos jovens.

Gráfico 9 – Funk sem Preconceito.

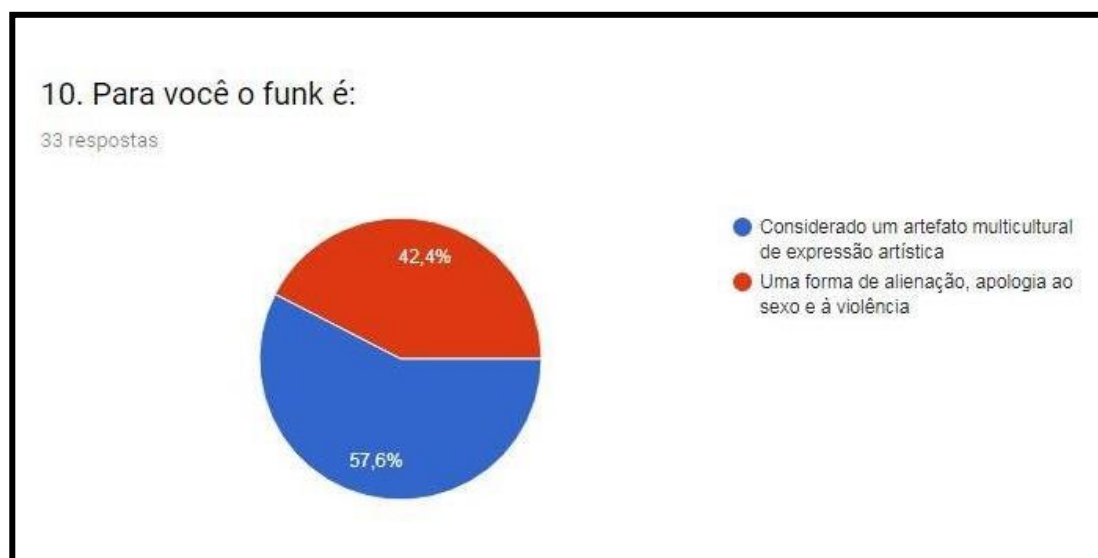


Fonte: Própria Autora (2019).

Para que esta pergunta fosse respondida com a maior veracidade possível, seria necessário que os educadores participantes da pesquisa se despissem de

seus próprios preconceitos e julgamentos diante o tema pesquisado e como foi possível observar, 69,7% deles responderam enxergar o gênero funk sem preconceito, contra 30,3% dos que responderam que não conseguem.

Gráfico 10 – Opinião dos Professores

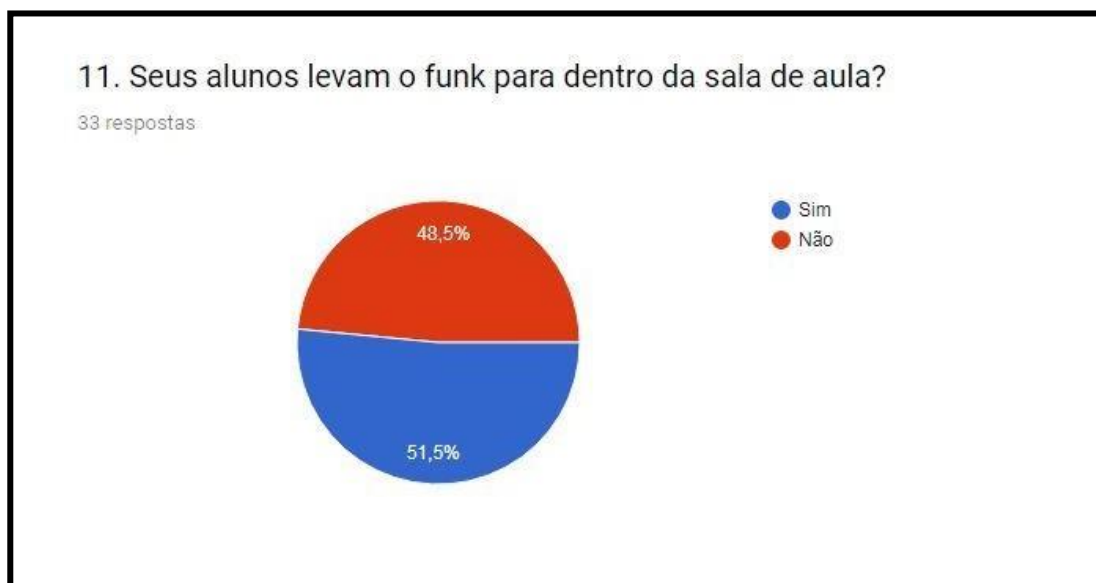


Fonte: Própria Autora (2019).

Neste ponto do trabalho, chegamos à questão que responde ao nosso problema de pesquisa. Quando o proposto tema foi levantado, algumas reflexões surgiram, como por exemplo: “Será que não há nenhum ponto positivo de se trabalhar o funk nas escolas?”, “Todos os educadores têm preconceito com o gênero?”, “Sendo o Funk parte da realidade de muitas crianças e jovens, por que não trabalhá-lo?” e a grande questão a ser respondida baseava-se se o funk era considerado um artefato multicultural devido o nosso país ser multicultural e as crianças carregarem consigo sua cultura particular como visto no início do trabalho, ou se era apenas uma forma de alienação com ênfase na apologia ao sexo, violência, drogas etc.

Acreditando no trabalho e tentando observar o lado positivo de qualquer situação, desta vez não seria diferente e com 57,6% do total, os educadores consideram que o funk é um artefato multicultural de expressão artística, sendo assim, com uma grande possibilidade de trabalhá-lo nas escolas e não marginalizá-lo.

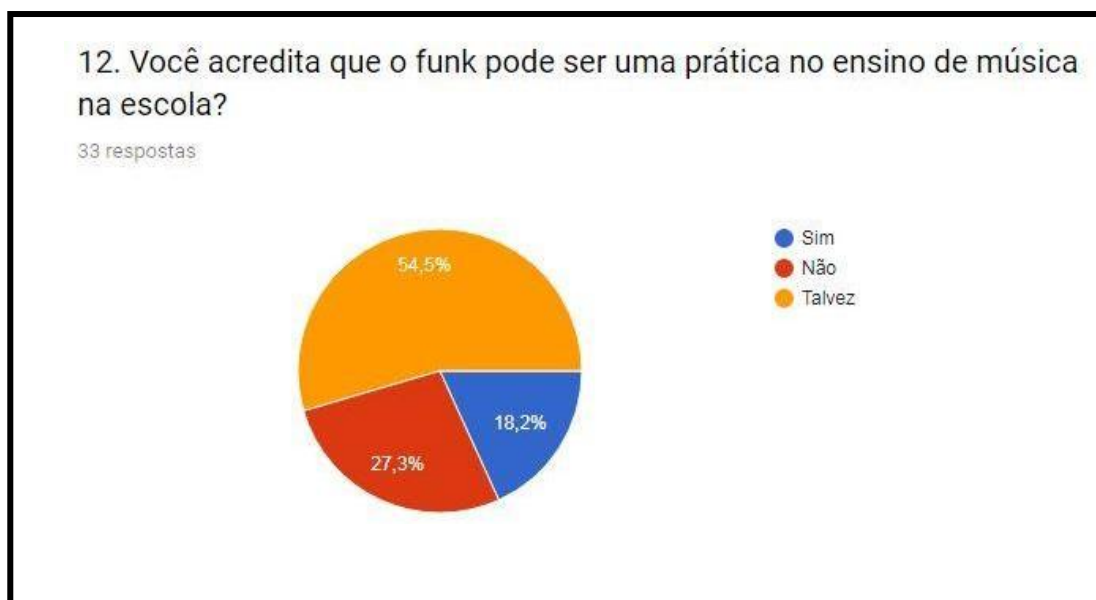
Gráfico 11 – Funk na Sala de Aula.



Fonte: Própria Autora (2019).

Esta pergunta talvez muito óbvia para algumas pessoas não poderia deixar de estar presente nesta pesquisa. Quando perguntado se os alunos levavam o funk para dentro da sala de aula, a resposta obtida foi que 51,5% afirmaram que sim.

Gráfico 12 – Questão Reflexiva.



Fonte: Própria Autora (2019).

Nesta ultima questão quando levantado se o funk poderia ser uma prática no ensino de música na escola, somente 18,2% dos educadores disseram que sim,

porém 54,5% responderam que “talvez” e isso nos abre a possibilidade de chegar ao sim dependendo da forma como irá ser trabalhado, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas e leituras realizadas para a elaboração deste trabalho, foi possível deparar-se com algumas questões de grande reflexão como, por exemplo, a diversidade de cultura exposta pelo termo multiculturalismo, a história do funk e suas raízes, suas influências no Brasil, seus atores e movimentos. O funk nos mostrou também ser alvo de preconceito e julgamentos, mas que ao analisá-lo é possível perceber que o mesmo tornou-se um dos ritmos mais valorizados no Brasil e no exterior sem contar as histórias de superação envolvendo este ritmo.

Ao tentar introduzir o tema em um ambiente escolar, a princípio houve certa dificuldade e resistência até mesmo de alguns professores, pois os mesmos não acreditavam que pudesse originar um trabalho de conclusão de curso, já que em se tratando de um curso de Pedagogia, a temática deveria ser desenvolvida em relação a Educação Infantil ou ao Ensino Fundamental de ciclo 1. Mesmo com algumas dificuldades chegamos a este resultado.

Para que o trabalho não fosse exclusivamente bibliográfico, sentiu-se necessidade de uma pesquisa com alguns professores para descobrir a relação dos mesmos com o funk na perspectiva multiculturalista e também para dar mais sustentação ao trabalho e quem sabe ser continuado por outros alunos. Optou-se pelo questionário online com educadores desconhecidos, pois diante das minhas experiências nas escolas de Tabatinga (Interior de São Paulo), como foi relatado no trabalho e também por ser conhecida pelos professores, percebi que talvez eles pudessem não responder com a seriedade que precisava e até mesmo omitir nas respostas.

Apesar das poucas devolutivas, foi possível fazer uma análise inicial da problemática que me era tão curiosa e assim nasceu uma pequena pesquisa. Pudemos observar educadores de diferentes idades, porém a maioria mulheres. Também identificamos que grande parte possui curso superior completo e que lecionam na Educação Infantil seguido do Ensino Fundamental 1, o que contribuiu significativamente para o nosso trabalho em se tratando de Pedagogia.

Quando perguntado se gostavam de ouvir funk, metade dos que responderam ao questionário afirmaram não gostar, entretanto mais da metade afirmou que percebem a atração dos alunos pelo gênero. A questão de grande relevância para este trabalho e que responderia a problemática era de que se o funk era considerado um artefato multicultural de expressão artística ou somente uma forma de alienação ou apologia ao sexo e à violência. Para surpresa positiva, mais da metade respondeu a primeira opção. E assim o pontapé inicial foi dado para quem sabe outros trabalhos serem desenvolvidos envolvendo o tema.

Por todos esses aspectos, este trabalho trouxe grande aprendizado e uma questão muito importante: de enxergar o funk sem preconceito e valorizá-lo como uma manifestação de cultura.

Referências

BETONI, Camila. **Multiculturalismo**. In: Info Escola – Navegando e Aprendendo. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/sociologia/multiculturalismo/>>. Acesso em: 01 maio 2018.

CANEN, A.; OLIVEIRA, A. M. A. **Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 21, p.61-74, 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000300006>>. Acesso em: 06 fev 2019.

CASTRO, Michele C; RIOS, Valdir L. **Escola e Educação em Gramsci**. Revista de Iniciação Científica da FFC, v. 7, n. 3, p. 221-228, 2007. Disponível em: <<http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/ric/article/view/187/172>>. Acesso em: 07 maio 2018.

FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE IBITINGA. **Manual Para Elaboração de Trabalhos Acadêmicos**. 5ª edição revisada e atualizada, 2018, Ibitinga – SP. Disponível em: <http://faibi.com.br/arquivos/downloads/geral/tcc_manual2018.pdf>. Acesso em: 23 fev 2019.

FATOS CURIOSOS. Disponível em: <<https://www.fatosdesconhecidos.com.br/voce-sabe-o-que-significa-sigla-mc-utilizadas-pelos-funkeiros/>>. Acesso em: 22 abril 2019.

FOLHA DE SÃO PAULO. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/02/com-videos-de-funk-kondzilla-se-torna-o-maior-canal-do-youtube-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 14 fev 2018.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GOMES, J.J. **VIII SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E ESTRANGEIRA E DE LITERATURA I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS EM LINGUAGENS**. Disponível em: <https://www.academia.edu/38843184/Estudos_Em_linguagEns_discurso_E_tradu%C3%A7%C3%A3o_VIII_SEMIN%C3%A1RIO_NACIONAL SOBRE ENSINO DE L%C3%8DNGUA_MATERNA_E_ESTRANGEIRA_E_DE_LITERATURA_I_SIMP%C3>

%93SIO_INTERNACIONAL_DE_ESTUDOS_EM_LINGUAGENS. > Acesso em: 08 Set. 2019).

GONÇALVES, L. A.; SILVA, P. B. G. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

LISTA 10. Disponível em: <<https://lista10.org/musica/os-10-estilos-musicas-mais-dominantes-no-brasil/>>. Acesso em: 14 fev 2018.

LEMES, Sebastião S. **O Pluralismo Cultural no Processo de Escolarização: Algumas Reflexões Sobre Certos Embates**. In: UNIVESP – Unesp/ Araraquara (SP). e.d 1ª, 2013. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/65510/1/u1_d28_v2_t05.pdf>. Acesso em: 05 mai de 2018.

MCLAREN, P. **Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MENDONÇA, Vanderlei C. **A identidade funkeira e a luta contra a incriminação e discriminação da juventude pobre a partir do funk**. Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFES, vol. 01, Espírito Santo, 2011.

MORETTO, Julien. **TUDO ACABA EM FUNK: UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A APROPRIAÇÃO DA CULTURA FUNK**. Universidade Federal de Santa Maria (RS) Brasil, 2015. Disponível em: < <http://w3.ufsm.br/estudoscultrais/arquivos/tcc-tac/TUDO%20ACABA%20EM%20FUNK.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2018.

RANGEL, I.C.A; *et al.* **Educação Física Escolar e multiculturalismo: possibilidades pedagógicas**. Motriz, Rio Claro, v.14, n.2, p.156-167, abr/jun 2008.

RANGEL, Patricia. **O funk no Rio de Janeiro: identidade étnica, cultural e social na baixada fluminense**. Revista Periferia, Educação, Cultura e Comunicação, v. 5, n. 2. UERJ, Rio de Janeiro, 2013.
Disponível em: < <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/15370>>. Acesso em: 10 maio 2018.

RIBEIRO, Elisa. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**. In: Evidência, olhares e pesquisas em saberes educacionais. Número 4, maio de 2008. Araxá. Centro Universitário do Planalto de Araxá.

SANTOS, Rafael Ribeiro. **Funk Ostentação, imagens do consumo**. Celac/Eca – USP, 2014. Disponível em: <http://200.144.182.130/celacc/sites/default/files/media/tcc/funk_ostentacao_artigo_i_magens_do_consumo-versao_final_celacc_2.pdf>. Acesso em: 10 maio 2018.

SANTOS, Adriana B; MANZATO, Antonio J. Disponível em: <http://www.inf.ufsc.br/~vera.carmo/Ensino_2012_1/ELABORACAO_QUESTIONARIOS_PESQUISA_QUANTITATIVA.pdf>. Acesso em: 28 agosto 2018.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Tradução Laureano Pelegrin. São Paulo: EDUSC, 1999. 178 p.

SIGNIFICADOS. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/youtube/>>. Acesso em: 22 abril 2019.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/estudos culturais/arquivos/tcc-tac/TUDO%20ACABA%20EM%20FUNK.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Modelo de Questionário Online Direcionado aos Educadores.

Questionário Direcionado aos Professores

Eu, Larissa Léopore Rios, estudante do curso de Graduação em Pedagogia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga – FAIBI, interior de São Paulo, estou investigando a *Relação dos Educadores com o Funk em uma Perspectiva Multicultural* para meu Trabalho de Conclusão de Curso. As informações aqui contidas serão utilizadas exclusivamente para fins de pesquisa. Agradeço pelas informações prestadas.

1. Sexo *

☐ Feminino

☐ Masculino

2. Idade *

☐ Entre 20 e 30 anos

☐ Entre 30 e 40 anos

☐ Acima de 40 anos

3. Nível de Escolaridade *

- ☐ Superior Completo
- ☐ Pós Graduação
- ☐ Especialização entre outros
- ☐ Magistério

4. Série que leciona atualmente *

- ☐ Educação Infantil
- ☐ Ensino Fundamental 1
- ☐ Ensino Fundamental 2
- ☐ Ensino Médio
- ☐ EJA

5. Região onde mora *

- ☐ Norte
- ☐ Nordeste
- ☐ Sudeste
- ☐ Centro-Oeste
- ☐ Sul

6. Você gosta de ouvir Funk? *

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ É indiferente

7. Se respondeu SIM na questão anterior assinale as alternativas que justificam sua resposta

- ☐ Gosto das letras
- ☐ Gosto do ritmo
- ☐ Gosto da sensação de liberdade que ele provoca
- ☐ Gosto porque está na moda
- ☐ Gosto porque é um gênero musical polêmico

8. Como educador (a), você percebe a atração de seus alunos por este gênero musical? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

9. Você consegue enxergar o funk sem preconceito? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

10. Para você o funk é: *

- ☐ Considerado um artefato multicultural de expressão artística
- ☐ Uma forma de alienação, apologia ao sexo e à violência

11. Seus alunos levam o funk para dentro da sala de aula? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

12. Você acredita que o funk pode ser uma prática no ensino de música na escola? *

☐ Sim

☐ Não

☐ Talvez